

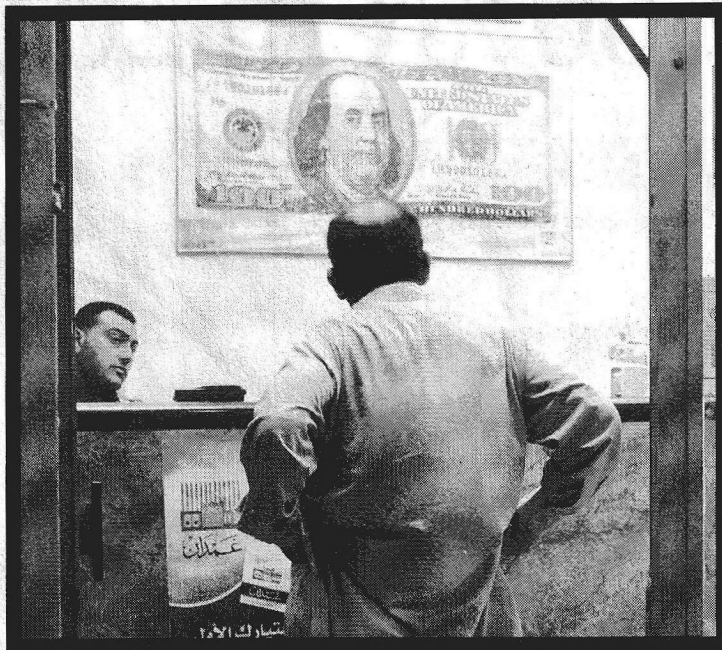
ECONOMIA

MERCADO

Cotação da moeda sobe 0,74%, sem intervenção federal, porque futuro diretor do BC fará compras sem avisar o sistema financeiro

Efeito Torós eleva dólar

Ivan Sekretarev/AP - 14/10/03



O DÓLAR FOI VENDIDO ONTEM POR R\$ 2,03. MERCADO EVITA ENFRENTAR BC

RISCO-PAÍS

151 PONTOS

foi o valor mínimo alcançado pelo risco-país do Brasil ontem. Nunca foi tão baixo

BOVESPA

48.921

pontos foi o índice de fechamento da Bolsa de Valores de São Paulo ontem

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Antes mesmo de tomar posse, o futuro diretor de Política Monetária do Banco Central, Mário Torós, já está provocando alvoroço no mercado de câmbio. Ao convencer, na última sexta-feira, o BC a acabar com a previsibilidade dos leilões de *swap* reverso, contratos com os quais os investidores apostam na alta dos juros e a autoridade monetária, na valorização do dólar, ele não só impôs riscos às instituições financeiras que vinham especulando com a moeda americana, como conseguiu reverter o processo de baixa da divisa — pelo menos ontem. O dólar, que tinha batido em R\$ 2,022 no fechamento da semana passada, a menor cotação desde fevereiro de 2001, encerrou as negociações valendo R\$ 2,037 para venda, com valorização de 0,74%.

Na avaliação do economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal, pelo menos no curto prazo, o mercado ficará resabiado em enfrentar o Banco Central. Não apenas por causa do fim da necessidade de informar os leilões de *swap* um dia antes de realizá-los, mas também porque deverá alterar os leilões de compra de dólar no mercado à vista, que vêm sendo realizados sempre na parte da tarde. “Muita gente preferiu ficar com o pé atrás e mapear como será, efetivamente, a atuação de Torós”, destacou Leal. Com Torós à frente da diretoria de Política Monetária, o BC voltará a ter um operador entre

os diretores, o que não ocorria desde 2004, quando Luiz Augusto Candiota deixou o banco. O diretor-demissionário, Rodrigo Azevedo, é mais acadêmico e formulador de políticas.

Tarefa árdua

Apesar de o efeito Torós ter mexido com o mercado — muito bancos reforçaram posições em dólar, inclusive comprando parte do fluxo excedente da divisa —, o BC terá um árduo trabalho pela frente para evitar que a moeda americana rompa o piso psicológico dos R\$ 2, como prevê boa parte dos analistas. É que o saldo da balança comercial continua forte e deve se robustecer ainda mais nas

próximas semanas, quando será embarcado o grosso das exportações agrícolas. O Ministério do Desenvolvimento informou ontem que a balança registrou, na segunda semana de abril (de 9 a 15), superávit de US\$ 904 milhões — foi a segunda melhor semana do ano. Na comparação com o mesmo período do ano passado, o saldo foi 127,13% maior.

O que chamou a atenção do mercado, nos números da balança, foi a redução no ritmo de crescimento das importações. Em relação a abril de 2006, a média diária de compras no exterior (US\$ 40,3,4 milhões) aumentou apenas 9,5%. Frente a março de 2007, houve recuo de 5,5%. Desde o início do

ano, as importações vinham se expandindo a um taxa média de 24%. “Ainda não identificamos os motivos das importações mais fracas. Mas acreditamos que sejam decorrentes de problemas pontuais, devido à greve da Polícia Federal e à operação-padrão da Receita Federal, dificultando o desembaraço de mercadorias na Alfândega”, frisou o economista do Banco ABC Brasil.

A média diária das exportações, de US\$ 584,2 milhões, cresceu 11,2% na segunda semana de abril ante igual período de 2006. No acumulado do mês, o saldo acumulado da balança comercial atingiu US\$ 1,763 bilhão. No ano, está em US\$ 10,461 bilhões.